

Marina pode lançar partido em janeiro

Terceira colocada na disputa presidencial de 2010, ex-ministra estuda criar sigla para nova candidatura em 2014

Ela tem de 13% a 18% das intenções de votos para a Presidência, mostra a pesquisa mais recente do Datafolha

PAULO GAMA
DE SÃO PAULO

Terceira colocada na disputa presidencial de 2010 com 19,6 milhões de votos, Marina Silva baterá o martelo sobre a criação de um novo partido até o final de janeiro. A fundação de uma legenda é a única hipótese aventada por ela no momento para voltar a concorrer ao Planalto na disputa de 2014, segundo aliados que acompanham o processo.

O movimento pela criação da sigla ganhou força com a publicação da última pesquisa Datafolha, no início de dezembro, que coloca Marina em segundo lugar na disputa. No levantamento, ela tem de 13% a 18% das intenções de voto, a depender dos adversários, e só perderia para a presidente Dilma Rousseff e para seu antecessor, Lula.

A criação de uma nova sigla é cogitada por Marina desde julho de 2011, quando ela deixou seu antigo partido, o PV, por desentendimentos com a direção da legenda.

Na disputa municipal de outubro, Marina apoiou candidatos de 11 siglas diferentes, com base no discurso da sustentabilidade global e da formação de uma terceira via política no país.

Recentemente, a ex-ministra do Meio Ambiente intensificou a agenda de encontros e reuniões com o "núcleo duro" de sua campanha de 2010 e com novos apoiadores pa-

DUAS REALIDADES

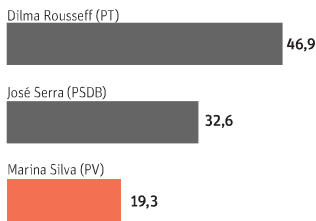
Evolução política de Marina Silva após candidatura à Presidência, em 2010

COMO MARINA SAIU DAS ELEIÇÕES EM 2010

Na época, ela disputava a Presidência da República pelo PV

VOTOS VÁLIDOS NO 1º TURNO

Em %



Outros 1,2

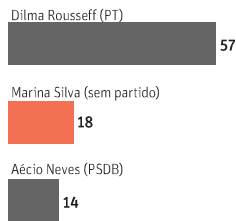
Fontes: Datafolha e TSE (Tribunal Superior Eleitoral)

COMO MARINA ESTÁ ATUALMENTE, SEGUNDO O DATAFOLHA

Sem partido, ela planeja fundar sigla própria e é a segunda mais lembrada na pesquisa

INTENÇÃO DE VOTO

Segundo um dos cenários pesquisados, em %



Branco/nulos/nenhum 6; Não sabe 5

BIOGRAFIA



FORMAÇÃO

Filha de seringueiro, nasceu em uma comunidade do Acre, de onde só saiu aos 16 anos. Analfabeta até então, aprendeu a ler e a escrever em Rio Branco, formou-se em história e conheceu o líder seringueiro Chico Mendes, que a apresentou ao mundo da política



POLÍTICA

Começou sua trajetória como vereadora pelo PT. Católica, foi eleita deputada estadual e senadora antes de virar evangélica, em 1997. Foi ministra do Meio Ambiente no governo Lula, mas deixou a pasta, rompeu com o PT e foi para o PV disputar a Presidência

ra discutir a possibilidade de criação de uma legenda.

Ainda em dezembro, procurou congressistas interessados na troca de partido.

Segundo participantes desses encontros, o grupo tenta formular algo que represente uma nova forma de fazer política e não seja encarado como apenas mais um partido político.

CANDIDATURA

Interlocutores afirmam que Marina pretende ter novas conversas antes de decidir se quer concorrer em 2014 e, para isso, iniciar o processo de criação da legenda.

Ela tem dito que ainda quer conversar com sua família sobre encarar mais uma campanha e que ainda precisa avaliar o comprometimento das pessoas que considera essenciais para o novo projeto.

“A partir do que aconteceu em 2010, eu não vejo muita possibilidade de ela não ter participação em 2014. Ninguém entenderia”, disse à **Folha** um dos apoiadores que têm participado dos encontros pela criação do novo legenda.

Segundo os apoiadores de Marina, a decisão final sobre o assunto teria de ser tomada até o fim de janeiro —prazo considerado como o limite para que a sigla consiga sair do papel até outubro de 2013.

O prazo de registro da sigla pelo menos um ano antes das eleições é exigido pela Lei Eleitoral para que o partido possa concorrer.

Um dos principais desafios é a exigência da apresentação de uma lista de apoiadores assinada por cerca 500 mil eleitores em todo o país.



A ex-ministra Marina Silva, segundo lugar na pesquisa Datafolha para Presidência em 2014

ANÁLISE

Adesão a princípios é o forte de Marina, mas também a limita

CLÁUDIO GONÇALVES COUTO
ESPECIAL PARA A FOLHA

Marina Silva saiu da disputa presidencial de 2010 como a melhor terceira colocada da história, amealhando quase 20% dos votos. Com tal desempenho, era muito maior do que seu partido, o PV, que teve nesse ano um desempenho pífio na eleição para o Congresso, conquistando apenas 15 cadeiras —uma a mais do que já tinha.

Lideranças partidárias mais apressadas —que avaliam o resultado de uma eleição como dirigentes de futebol que demitem um bom técnico após a primeira derrota importante— logo imputaram a Marina a responsabilidade por não ter avançado a eleição de parlamentares. Como se o eleitor não distinguisse o voto que dá em cada pleito.

Mas Marina também cometeu erros, subestimando o peso que têm as oligarquias partidárias —logo ela, dissidente do PT, de Dirceu e Falcões.

Embora a máquina do PT seja maior e mais poderosa do que a do PV, as oligarquias partidárias funcionam de forma similar: capturam postos-chave e embotam a competição interna, dificultando o crescimento de recém-chegados e minoritários.

Aquilo que torna Marina referência na cena política nacional —sua adesão férrea a princípios— é o que também lhe limita as ações. A política eleitoral e partidária exige certa dose de pragmatismo e ardil. Na falta de ambos, em vez de atuar como uma força com real capacidade competitiva, uma liderança pode, quando muito, converter-se em ícone de alguma bandeira.

Alguns, como Lula, conse-

guem combinar os dois papéis. Outros, como Marina, parecem não conseguir manter um sem sacrificar o outro.

Fosse ela mais pragmática, teria buscado acomodação com Penna, o “dono” do PV, ao mesmo tempo que aproveitaria para usufruir do imenso capital político que acumulou em 2010, reposicionando-se nas últimas eleições municipais (a Prefeitura de São Paulo, por exemplo, estava aberta a novidades, como se viu).

Contudo, o que Serra tem em excesso, Marina tem pouco demais —e abdica de trampolins que estão logo ali.

Ela se vê agora como líder de grupo sem partido, tentando construir um partido que não funcione como partido. Difícil dar certo. Mas, talvez, a chama continue acesa.

CLÁUDIO GONÇALVES COUTO é cientista político e professor da FGV-SP.



FOSSSE ELA MAIS PRAGMÁTICA, TERIA BUSCADO ACOMODAÇÃO COM PENNA, O “DONO” DO PV, AO MESMO TEMPO QUE APROVEITARIA O IMENSO CAPITAL QUE ACUMULOU EM 2010, REPOSICIONANDO-SE NAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Natal megaloja
pontofrio
na Marginal Tietê

TV 60" Full HD com conversor digital a partir de **
Por: **R\$ 3.999,00** à vista
10x R\$ 399,90 sem juros*

60"

Tela grande é no Pontofrio

Natal Megaloja Pontofrio é diversão para toda a família.

atividades LIVRES **jogos de tabuleiro** **leitura e pintura** **videoaulas** **espetáculos**

Encontre-se com o fantástico show de luzes na fachada. Confira os horários e dias na loja.

ESTACIONAMENTO GRATUITO